

experimentos de filosofía pós-colonial

© 2020 Editora Filosófica Politeia

REVISÃO Humberto do Amaral
PROJETO GRÁFICO Isabela Sanches

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/ 9410

Eg6

Experimentos de filosofia pós-colonial / vários autores;
organizado por Victor Galdino, Claudio Medeiros.

São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020. 272 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-88230-01-5

1. Filosofia. 2. Filosofia contemporânea. 3. Filosofia
experimental brasileira. 4. Transcolonialidade.
5. Mulherismo. 6. Amefricanidade. 7. Aquilombamento.
I. Galdino, Victor. II. Medeiros, Claudio III. Título.

2020-1833

CDD 100 CDU 1

Índice para catálogo sistemático

1. Filosofia 100
2. Filosofia 1

*A reprodução parcial sem fins lucrativos
deste livro, para uso privado ou coletivo,
em qualquer meio, requer autorização
prévia dos editores.*

As URLs foram testadas em setembro de 2020

Editora Filosófica Politeia
São Paulo | outubro de 2020
www.editorapoliteia.com.br

  /editorapoliteia

experimentos de filosofia pós-colonial

ORGANIZAÇÃO

Claudio Medeiros

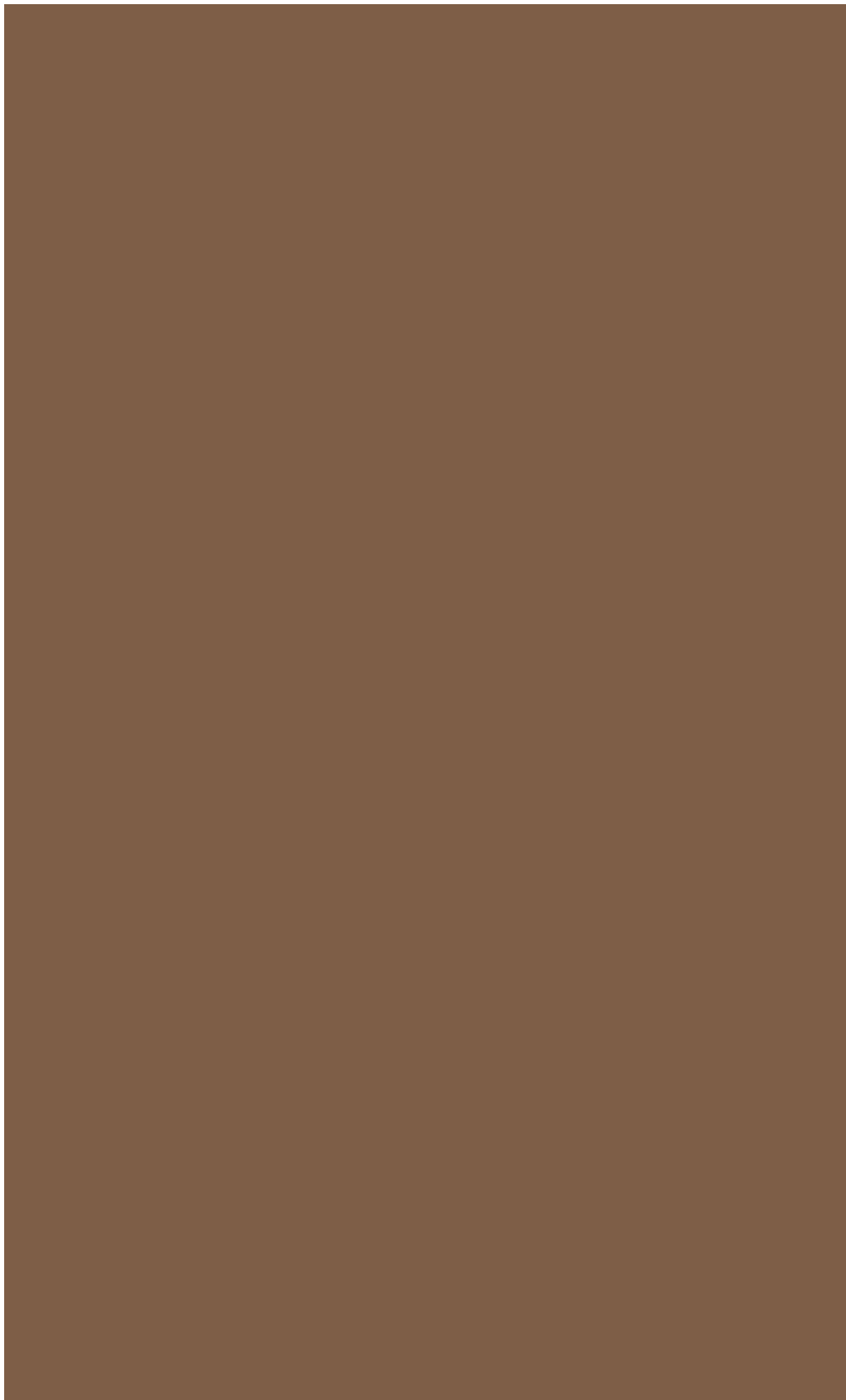
Victor Galdino



editora politeia



- 7 *Nota dos organizadores*
- 9 *Prefácio aos ensaios e convite à leitura*
-
- 26 **Rafael Haddock-Lobo**
Sonho meu (ou a festa que Derrida me deu)
- 48 **Victor Galdino**
Aquilombamento imaginal / realismo esclarecido
- 75 **Inaê Diana Ashokasundari Shravya da Costa Rossi**
Diegese de gênero: esboço de uma crítica à metafísica sexual
- 98 **Edson Passetti**
A abolição do castigo e das penas: anarquias e liberdades
- 115 **Sérgio Ortiz de Inhaúma**
Subúrbio sub-analógico e filosofia mestiça
- 123 **Luiz Rufino**
Sabença jogueira: inscrição de vida como palavrção de mundo
- 130 **Katiúscia Ribeiro & Sônia Ribeiro**
Feminilidade preta: a força matricomunitária e matrigestora
- 142 **Claudio Medeiros**
Aos fantasmas da cidade: as mitologias espaciais
- 162 **Ronnielle de Azevedo-Lopes**
Contra a certeza dos brancos: filosofias da educação transcoloniais
- 183 **Jonnefer Barbosa**
Quebrada
- 190 **Fábio Borges-Rosario**
A cristandade em desconstrução
- 210 **Rafael Saldanha**
Fazer filosofia a partir das instituições: uma questão de vergonha
- 234 **Alana Moraes**
No avesso do político: experimentações de uma vida baldia
- 253 **Sandra Benites**
Para o professor de filosofia: “a filosofia começa no sonho da gravidez que virá”



Nota dos organizadores

Não caberia a nós dizer *as* maneiras de ler este livro. Especialmente para você que dá os primeiros passos de uma longa jornada acadêmica, precisamos dizer que o texto filosófico não é *o mesmo* para todas as pessoas. Alguns textos parecem até impossíveis de entender se estamos distantes de sua forma de pensar. Outros não guardam mistério algum porque já estamos de posse de sua forma de pensar, ou de alguma parecida. Cada volta de uma órbita no planeta da filosofia pode tornar os textos mais ou menos acessíveis, divertidos, excitantes, férteis, claros, úteis, perigosos, traumáticos, perturbadores, redentores. A filosofia é multiplicidade irreduzível e anticonsensual de escolas de pensar, e nenhuma filiação é obrigatória para que usemos as ferramentas que elas oferecem. Por isso, entregamos estes ensaios a você como um guia que segue roteiros não oficiais e permite se perder na rua. Uma reunião delicada de textos filosóficos para criar conversas com quem compartilha certos incômodos, mas compartilha *amores* também.

O livro se organiza de duas maneiras: 1) há a ordem espacial, que é a da sequência de ensaios, feita obedecendo às velocidades e ritmos empregados pelas autoras e pelos autores; 11) um agrupamento por afinidades que se manifestaram para nós, editores.

O agrupamento por afinidade reúne textos a partir da indicação sobre as potencialidades que se manifestam quando alguns textos são lidos em diagonal ou em conjuntos, da seguinte maneira:

Rafael, Fábio, Galdino

ENCANTARIA IMAGINAL ressalta demandas pela restituição do sagrado, do religioso e do mágico em uma ética que escape à mitologia do progresso e do imperativo ateu. Sem deixar os conflitos se perderem de vista, os textos alargam nossa imagem do que é filosoficamente digno.

Inaê, Passetti

ANTIFA dispara diretamente contra a lógica estatal e seu governo dos corpos. São textos de abolição, que não negociam, que não aceitam nada menos que uma vida livre do estatismo. Abolição não é mero ímpeto destrutivo, mas pensamento criativo sobre outras vidas possíveis.

Inhaúma, Medeiros, Jonnefer, Alana

MITOLOGIAS ESPACIAIS elabora questões de espacialidade a partir de enquadramentos próprios: múltiplas perspectivas para uma multiplicidade do *habitar*. Pensar o espaço é o que esses textos fazem por entenderem que o espaço orienta o pensar.

Ronnielle, Rufino, Saldanha

SABENÇAS TRANSCOLONIAIS é a afinidade dada por uma preocupação com a educação que não se resume a pensar novos conteúdos disciplinares no ensino, mas que instiga a pensar e educar na colônia sabendo que é preciso desfazer a obra do colonialismo fazendo filosofia de outras maneiras.

Katiúscia & Sônia, Sandra

MULHEIRISMO & AMEFRICANIDADE é a perspectiva filosófica que nos mostra a costura entre ameaça do desterro, conhecimento como forma de vida e reverência à ancestralidade das matriarcas africanas. O pensamento ancestral e a eterna *preocupação existencial* com a gestação da comunidade são os lugares onde a filosofia é aqui cultivada.

Prefácio aos ensaios e convite à leitura

Beirando a Serra dos Pretos Forros, Boca do Mato, Água Santa, Encantado, Piedade, Rua Clara Nunes de Oswaldo Cruz, Igreja de São Jorge em Quintino... a cidade do Rio é cercada por uma coroa mística, a única solução de continuidade é a estrada de ferro, assentamento para *Obalúwàiyé*, anterior aos tempos. Um crente que à noite erra nos subúrbios, onde as habitações vão se esparramando pela união dos desquitados, alargando quarteirões para que as ruas se avizinhem, escuta subir de trás das mangueiras o surdo martelar dos tambores. Então os foguetes riscam os céus e desenham estrelas destrambelhadas. Cada foguete que sobe é sinal de uma divindade que veio da África ou da Floresta possuir um de seus filhos, na terra do exílio. Cada estrela que repentinamente cintila sobre os misteriosos bambuzais ou mangueiras anuncia, a quem passa, que a divindade chegou a cavalo, fazendo o filho do santo cirandar na canjira dos orixás com os encantados das bandas da mata.

Havia uma encruzilhada onde se escorava uma mulher retinta, rolinhas pinicavam fubá de milho na calçada. O ar carregado da eletricidade dos tambores, os sons desencapados no meu peito. A mulher soltou uma gargalhada — mais tarde, ao lembrar com dor nos joelhos, percebi que ela ria para adivinhar o que se sucedia à gargalhada. Virando a esquina, sem poder desviar meus olhos dos seus, tropeço em uma garrafa e caio de quatro com a cara na sua saia. Ela, que inventa seu tempo, riu da estripulia sacudindo as saias, descarregando vento como redemoinho. Depois de um gole de cachaça: *eu me chamo legião, fica calmo, não é só para mim que você bate cabeça.*

Tem um ritmo que cadencia o ensaio do Fábio Borges-Rosario que é o de uma *caminhada* exusíaca. A cristandade em desconstrução como reorientação na *encruzilhada*, que *reencontra o caminho* de volta, sob a necessidade de sempre irmos-voltando, “caminhando tão longe quanto possível, sem limite e in-condicionalmente”. A cadência de Lutero é preciosa neste sentido: visitar a tradição desde que se criem rastros de uma cristandade da qual não se tinha reservas. A opção pelas pessoas pobres, órfãs e prostitutas professada pelo Nazareno, que anuncia a democracia do

povo desamparado, não é opção de Fábio por um passado perdido, incompleto e distópico. Fábio fala da cristandade pré-institucional não com a régua do “passado” dos historiadores, mas como passado efetivante, algo que dá a surgir, que constitui temporalidade. Não demorou e o Deus humano e hospitaleiro dos reformadores, na oportunidade de formação dos Estados europeus, foi capturado por outras idolatrias positivistas, pelo colonizador devorador de mundos, pelo liberal colecionador das possibilidades. Ora, a desmilitarização da cristandade não é a única condição para uma cristandade *por-vir*. Outra perseguição do presente pelo passado precisa ser conflagrada, desta vez para que algo *venha-a-ser* interrompido. Certa *parresia* será condição para a retomada do caminho do amor incondicional ao *demos* e à igualdade, a *parresia* dos crimes da catequese da espada.

A língua atava e desatava ao falar, os olhos eram bilhas de tocaia de bicho silvestre, antes de cada dose, ela cuspiu fora um pouco: *ele avisou que você viria*. O poste de luz começou a piscar descompassado sobre as rolinhas, agora na imagem de uma revoada de morcegos, agora eu os enxotava com a bíblia. *Onde você pensa que vai? Não veio trazer minha oferenda?* E tirou uma rosa amarela do bolso da minha camisa, encaixou-a no seio. *Está liberado, pode passar*. Eu não fazia ideia de onde tinha saído a rosa porque não trazia nada além da bíblia. Como ela fez isso? Em que momento tinha colocado no meu bolso? Recuei e abanei a poeira dos joelhos, foi quando não reconheci nem as roupas que vestia. Eu agora vestia uma calça branca e uma bata grossa de algodão, eu estava antes com essas roupas? Naquele momento a lâmpada do poste queimou e a entidade cacarejou a gargalhada. *Quem avisou que eu vinha? De quem é essa roupa?* Sumindo nas sombras, dobrou a esquina e, sem olhar pra trás, disse-me que Rafael dorme cedo e sonha todo dia.

Agora que se foram os jesuítas (a Igreja Católica até já abandona o conceito de catequese), a liturgia inodora do protestantismo, sua religião abstrata e eliminação dos santos intermediários aceleraram uma cruzada pelo desencantamento. Cruzada que se atualiza e é encorpada também na razão progressista, desta vez sob outro pretexto: manter acesa a tocha do Iluminismo. Alheio à crítica e a suas tochas

de protesto, Victor Galdino alimenta a fogueira de São João, recheada de comida de santo: a fogueira de Xangô, que é a fogueira de Airá e é Heráclito junto à lareira. Aristóteles conta que Heráclito, quando estrangeiros vêm visitá-lo e encontram-no junto ao forno, manda avisar que não se espantem que também ali há deuses. Heráclito Iyabassê? “Orixá come”, diz o povo de axé — talvez um sentido particular para o ditado yorubano: “Ali onde não há ser humano, não há deuses”. Aquilombamento imaginal é a ruína do Império pela disputa dos rituais e imagens de sagrado, ambos transferidos de mão beijada à maquinaria de guerra protestante. Por sagrado, entendemos o *excesso*. Por protestantismo, o desencantamento do Ser no Ocidente, que desabilitou as imagens de sagrado de dignidade. O excedente ecoa as culturas de oralidade, fala a língua dos ritos ancestrais e de determinada economia do imaginário, é aquilo que não é orientado pelo *real* do materialismo. Na marcha metafísica pelo desencantamento do Ser, a imagem dessacralizada da natureza espelha certa economia do imaginário no interior da qual já nos custa caro sonhar. Quem canta os males espanta, quem fala denega: o racionalismo acadêmico é a disciplina discursiva que adia ter de encarar o quanto o que chamamos “realismo” obedece às demandas da ordem e ao desejo pela repetição da normalidade.

Como quem perde e recupera o juízo, e muda de pensamento como de camisa, já não sabia onde estava caminhando. O amor de Deus me move, só por ele eu falo, mas a escuridão foi comendo minha memória, fechei os olhos para orar e fugiram as palavras que evocam Deus. Abri a Palavra no livro de Salmos mas no escuro não havia palavras, isso aumentou meu horror, porque as baquetas voltaram a vibrar. Eram toques de guerra, cresciam de volume quanto mais eu ia, quanto mais ia era como se corpos em movimentos rápidos e espaçosos me seguissem. Apertei o passo e entrei por um corredor estreito de mato aberto entre vultos. Dei na beira de um barranco, era descer agarrado nas folhagens. *Onde você pensa que vai?* Um vulto, tinha um carro encostado e vultos de gente. Acenderam o farol, estavam à espera. *É meio tarde para andar na rua.* Meus olhos não estavam acostumados à luz, dei um passo para trás sem conseguir acreditar no que via, veio o reflexo do revólver acertar minha testa.

A normalidade que adocece passa longe do biológico, do que um cientista descompromissado com algo além de um objeto de conhecimento pode verificar — o problema do realismo que governa a imaginação de uma sociedade adoecedora é também o de bloquear outras imagens de saúde, ao mesmo tempo que variados adoecimentos dos corpos combatidos pelo Estado se tornam invisíveis. A necropolítica não é uma bala disparada: é produção de um mundo que mata aquilo que precede e excede o corpo visualizado através da *imagem científica* do humano. A condenação a um destino de sofrimento está pronta nos gabinetes da máquina de guerra que chamamos “Estado”, apenas aguardando novos corpos para marcar e abater. Mas há um outro para tudo que podemos tomar como destino: “Há quem, de tanto evitar a dor, no meio do Aqui e Agora, depare-se consigo mesmo sozinho e atormentado por fantasmas. Há, entretanto, aquelas pessoas que se apaixonam todos os dias ao observar a pessoa amada dormindo, indo lhe cobrir os pezinhos nas noites frias”, diz Inaê Diana Ashokasundari Shrivya. Viemos a existir involuntariamente, assinamos termos de sociabilidade antes de saber de sua contingência, nossa capacidade de agir se produz *contra* nós quando nossos corpos estão na mira do Estado. As travestis-vietcongues da madrugada pensam a partir do fato da *guerra*, de uma guerra invisível nas estatísticas da mortalidade, nos espetáculos institucionais e eleitorais, no palco da trama heterossexual, na zona de conforto da filosofia hegemônica. Contra a ideologia de gênero que domina desde sempre a escola e contra o imperativo “seja você mesmo”, a navalha da travesti corta a máscara do destino para mostrar que o rosto pode ser o que quiser, mas não sem atravessar uma *guerra contra este mundo*.

A lua quicava nas lajes, os gambás trepados nas amendoeiras me infernizavam com a ponta dos cassetetes. Tinham os olhos meio cinzentos, meio amarelados, adivinhavam nosso crime. O carro estacionou, abriram o porta-malas, eram dois, o mais novo me arrastou embrulhado em um saco da farinha para uma cova. O segundo, mais bruto e à paisana, foi buscar as ferramentas. *Tem que enterrar tudo, não pode enterrar só o corpo não que eles voltam*. O relógio da capela badalou as horas, uma atrás da outra, o tempo voltava do coma. *Hora de remover o entulho das ruas*,

e começou a jogar terra. Pés no chão, preciso colocar os pés no chão, eu tinha lama ao invés de pálpebras. *Acho que ele tá se mexendo, dá mais um susto nele, joga mais terra. Ele tá levantando, é isso? Me dá essa pá.* O sujeito cresceu para cima de mim com a pá, deixei-me cair de costas, rapidamente, firmando-me nas mãos, o corpo suspenso, a perna direita levantada, o golpe com a pá passou no vácuo, enquanto ele recebia um pontapé no queixo. Mal se equilibrara, uma rasteira o tombava para a direita e desmaiava, o outro recebeu uma meia-lua na orelha. Ginguei na espera de que se levantasse, mas na queda tinha batido a cabeça numa sepultura. Fui tomado por uma saúde plena.

Há uma normalidade também no direito que orienta a vida, ainda que não o faça no sentido de impedir o “crime” — somos punitivistas justamente porque punimos o crime que o direito cria e não consegue resolver ou impedir. Ora, não é estranha uma forma de vida que não pode cumprir o próprio objetivo da punição? Punir sabendo que o crime não tem fim não pode ter a ver com o fim do crime: a punição é um excedente que vaza em múltiplas direções, que anima diferentes desejos e perversões, que mobiliza saberes que poderiam ser completamente inúteis, não fosse o punitivismo. Contra a criatividade excludente do saber governamental, o abolicionismo de Edson Passetti lança um desafio à imaginação que move quem deseja pensar criticamente: encerrar toda a constelação de imagens, todo aparato técnico, todo saber-punir no *interior das prisões*, fechar as portas e lançar as chaves em um cenário de terror distópico — uma sociedade *contra* prisões. O abolicionismo não convoca o pensamento para lhe demandar como pensar melhor as pequenas reformas institucionais, mas para desafiar a sociedade a revoltar-se contra si: é preciso sair da imagem do abolicionismo como mera abertura de portões e demolição de prédios, pois seus alvos são muitos e estão também em nós. O abolicionismo das penas e castigos coloca em questão economias do desejo, constituição de sujeitos, regimes de autoevidência. Engana-se quem pensa que isso é mero exercício abstrato e descompromissado com o real: os que glorificam seu próprio realismo são justamente os que não enxergam a realidade contingente da lógica punitivista e seus modos de reprodução, são os que não querem admitir todos os outros mundos que já estão aí, habitados por sociedades sem prisões.

Tateei na direção do que parecia ser a torre da capela, com figuras de corujas, serpentes, morcegos de gesso ao meu redor. Agora vem uma sucessão de partes que eu não sei em que ordem ocorreram. Eu corri o mais rápido que dava pra ficar no mesmo lugar, pra chegar em outro lugar ia ter que dobrar de velocidade. Ouço assobios em minha direção, testemunhas invisíveis da minha vitória, que se revelavam finalmente pelo reflexo da lua nos seus sorrisos. Sempre achei que fosse lenda urbana essa coisa de gótico em cemitérios, mas estavam ali, pintando os olhos para se camuflar na noite, declamando poemas sobre o inverno. Deixei que me acolhessem com seus hálitos de vinho barato, capas irradiando escuridão e pensamentos ocultos. Uma felicidade estranha, mas feliz mesmo assim. Acenderam uma vela e colocaram na minha mão esquerda: *vamos te contar uma coisa que aprendemos com espíritos mais evoluídos, há muitas luzes e sombras, você tem que decidir*. Olhando fixamente a chama, vi que não iluminava o ambiente, mas minha presença. Queria prolongar a sensação de potência enquanto meus inimigos estavam inconscientes. *Seus inimigos dormirão enquanto você sonhar a realidade. Seus inimigos dormirão para sempre quando você enterrar o mundo e você junto*. A vela queimou mais forte, começou pela minha mão e queimou a noite. Botaram uma garrafa de vinho na minha mão direita. Olhei para o último raio da lua e caí moído de sono.

O espetáculo midiático que mostra o subúrbio é sempre tentador: não apenas porque define um consenso sobre o que é visto/ouvido (e todo consenso só existe sendo desejado de alguma forma), mas porque permite ver um subúrbio inofensivo. Sérgio Ortiz de Inhaúma opera o dissenso subanalógico como legião falando no microfone na mão do poeta: subúrbio é corpo em excesso, excesso que desafia a filosofia que só fala a linguagem da gourmetização, excesso irrepresentável que só pode mesmo ser disparado para todos os lados, que alimenta a ética de quem se compromete com a entrega radical. Em *Valdeniagô*, um de seus tantos livros, escreve: “Av. Brasil suntuosa, desmembrada, fábricas abandonadas, ruas tributárias zunindo despejando seus carros. Pensei pelo 770 lotado... jorge aragão enroucado nas bolinhas de sabão estourando bicadas por um periquito, pétalas se abrindo na nervura incitada, onde comecei em certo tempo, na jugular da noite, lua desencapada, decepada. Eu vi me-

ninos rapelando as vigas, derrubando viadutos, degolando gatos com linha chilena”. Subúrbio não é cenário, é anti-herói de uma antitrama, corpo mestiço irreduzível às suas partes. Inhaúma come na poética das mulheres e homens quebrados, sobreviventes dos estilhaços, os que se criaram no improvisado das várzeas: são pessoas que têm algo a dizer sobre a radicalidade. O poeta de Inhaúma mora na escuta das vozes que não negociam a vida pelo sucesso de uma felicidade miúda. Em 1972, na Escola de Samba Quilombo, em Coelho Neto, Candeia descrevia assim o samba de partido-alto: “forma de improvisação que vai nascendo, não só sobre os temas, o refrão, mas também sobre o ambiente, sobre um clima que vai se criando aos poucos”. O samba é o mitólogo do Subúrbio.

Foi preciso sentir um pouco as entranhas famintas das ruas para entender onde queria chegar. Indústrias fechadas, fachadas picadas, lixo transbordando nos becos. Penha, Inhaúma, Marechal, Colégio, Madureira, é tudo mais ou menos uma desolação. A subcena da cidade não sobrevive da caridade dos prefeitos, seu jeito miserável e sustentável de sobreviver é o modo atrasado como existe. Ela estará morta no dia em que respirar para fora da alternativa de existir anarquicamente. Espero estar morto no dia em que o subúrbio progredir, tenho uma relação obscena com ele. Não romantizo a miséria, é ela que, em sua natureza incendiária, insiste no atraso. É a sua forma, e eu a amo.

Claudio Medeiros começa sua oferenda com um sujeito que aparece onde não devia aparecer e fala sem autorização para falar. Contra a norma do culto e a autoridade kardecista, o Caboclo das Sete Encruzilhadas fala ao mesmo tempo que reivindica o espaço que torna sua fala legítima, espaço vinculado ao território ainda que inviabilizado por certa forma de percebê-lo. “Não haverá caminhos fechados” é o enunciado que precede toda ruptura com o silêncio destinado ao *lúmpen*. Mas essa ingovernabilidade só nos pode dizer algo se a aceitamos como uma ingovernabilidade encantada, parte de uma constelação outra que ilumina o percurso dos mortos por fora da historiografia hegemônica, por onde eles podem estar em aliança com os vivos. A questão da espectralidade é, *enquanto* questão filosófica, a de nossa relação

com o que se faz presente, ainda que essa presença não seja a mesma do presente: os espectros não estão inteiramente aqui, ainda que nos movam, ainda que coloquemos nosso corpo em disposição para que eles possam falar em *justiça*. Há ruptura com o acúmulo da “memória pela memória”, com o desejo de saber pelo saber. No lugar disso, o “falar *aos* espectros desta cidade [...] como forma de vitalizar uma luta, continuada, pela terreirização dos nossos espaços”.

Era o cemitério de Inhaúma, reconheci de manhã pelas pipas. Na época do vento, os *erês* soltam pipa em cima das covas rente à capela, fazem rabiola de sacos de mercado. Metiam que nem adianta que a PM não ia confiscar a linha chilena deles. Riam, gastavam, tinha um que fazia gestos obscenos e caía na gargalhada. *Bota no alto e me corta, eu tô invicto!* Os moleques estão invictos, mesmo correndo descalços com os cachorros. Beirava a hora do gargalo, de manhã o cemitério é uma fazenda de sol, a luz sibilina soca o *orí* dos retintos. Eu não tinha formação, não tinha formatura, não tinha onde fazer cabeça, braço, não tinha onde cair vivendo o corpo dos outros. A linha chilena telefonou para o sol e baixou suas influências, o transe era certo. Eu que errava de mundo, serei meu altar para meu sacrifício.

Jonnefer Barbosa recupera a *forma do verbete* para quebrar seus vínculos com os projetos enciclopédicos e lançá-lo a uma outra tarefa. Se o verbete deve informar um consenso, o que vemos é o oposto; se um verbete é destinado à consulta, o que é que pode ser consultado ali? Não um conteúdo, mas uma forma de pensar entre outras, algo que só faria sentido em uma *enciclopédia de possibilidades* ainda por fazer. A própria pretensão de um saber consensual e descritivo sobre a quebrada é uma furada: pensar a quebrada enquanto conceito envolve lidar com quebras, desconexões. Não é tentar falar o *verdadeiro*, mas colocar uma imagem no interior de uma disputa, uma provocação que desafia certezas, como toda filosofia experimental, e, por que não, como toda *filosofia mestiça*, como diz Inhaúma. É preciso entregar-se ao perigo da quebrada e participar de um “jogo malandro com esses tristes afetos incutidos *em quem não é da quebrada*. Nem todos os perigos envolvem o medo, o mais burguês dos afetos, e estar na quebrada envolve orientar-se na cartogra-

fia dos becos: dos sem-saída e dos labirínticos”. Alguém pode perguntar como esse tipo de coisa diz respeito à filosofia — não é assunto, problema ou questão para outros saberes? Essa colocação esconde o fundamental: já se faz filosofia de muitas maneiras e ninguém pediu autorização. Nós não vamos parar, e este livro não é uma proposta de algo inédito, mas uma *compilação* do que já está por aí, ainda que seja apenas um recorte. Aos que nos colocam a pergunta sobre a adequação ou propriedade, perguntamos de volta: *onde vocês estavam?*

Escondi-me debaixo do altar da capela, entre sedas roxas e rendas. Ele não me viu. Passei um tempo imóvel, agachado, numa postura incômoda, espiando por entre as cortinas. Entre o ruído dos moleques dibicando, comecei a escutar fragmentos de uma melodia metálica, remota... Deixei de ouvi-la e pensei que tinha sido como essas figuras que aparecem quando olhamos por algum tempo uma parede com infiltração. A música voltou e eu fiquei com olhos ensolarados, encantado com o som repicado que lembrava o cavaquinho. *Glória a todas as lutas inglórias, que através da nossa história não esquecemos jamais*. Era ele mesmo, era o mestre Aldir Blanc. *Que Deus me dê vida longa para ouvir as coisas bonitas*, eu disse. Ele parou, tirou os olhos do instrumento e fez uma saudação, me olhando fixamente: *Salve o navegante negro que tem por monumento as pedras pisadas do cais*. Perguntei o que fazia ali sozinho. Explicou que era temporária sua estadia, como a minha. *Vim a Inhaúma pegar aulas de banjo com Almir Guineto*.

Segundo o dicionário da língua portuguesa, a palavra “baldio” vem do oriente. Muitos grupos reivindicam a posse da terra como elo do pertencimento de si ao destino da terra, elo de uma identidade reforçada na territorialidade, não a Linha Cigana do Oriente. O país do cigano é o corpo, a barraca velha é seu santuário beduíno. *Todo chão é terreiro*, diz um poeta de Bangu. Santa Sara Kali é a padroeira do povo cigano, prisioneira da partida: ali onde se vai atrás de enquadrá-lo, ele embrulha as fronteiras e troca de paisagem. *Regime baldio* é como Alana Moraes caracteriza a habitabilidade sem-teto em ocupações urbanas na grande São Paulo. Ocupação é um fenômeno de *fugitividade*: seja fuga como anulação violenta do *habitar* da metrópole (acampamen-

tos provisórios, movimentos efêmeros nos espaços), seja saber estratégico aplicado à topografia dos assentamentos. O saber que é contíguo à natureza da vida-ocupação é a tecnologia do mutirão, tática de sobrevivência econômica e, ao mesmo tempo, ciência concebida com corpo e músculos, *mutirão epistemológico*. Aí, os espaços próprios para fazer comida são espaços próprios para política: “o comer junto e a partilha de histórias e relatos sobre si inscrevem um diagrama outro capaz de mobilizar um regime do sensível, da experimentação baldia”. Pixinguinha e João da Baiana (este talvez responsável pela entrada do pandeiro no samba) diziam que frequentavam, na Praça XI, grupos ciganos que cultivavam o samba com maestria — tocando pandeiro cigano. *Batuque na cozinha* é o samba de João da Baiana que afronta a repressão policial da qual foram objeto as danças africanas. Quando a autoridade policial fazia batida nas casas de Tia Carmem, Tia Ciata, encontrava a comunidade negra-mestiça reunida na... cozinha.

Fiquei recentemente com esse banjo, de um abandono, fiquei com pena, liguei pro Almir, vim aprender com quem sabe. Isso de falar do banjo ternamente, como se fosse não uma coisa qualquer, mas que inspirava cuidado, teve um sabor bonito, que intensificou meu encanto. E você, soltando muita pipa? Rimos juntos, foi um momento de paz, pequena paz tributada à sua leveza e ao crucifixo amarrado no braço do instrumento. Tenho um encontro com Rafael, preciso ir andando, na verdade... como ele é? Aldir disse que Rafael tinha muita austeridade e inteligência, qualidades que, contudo, não realçavam um espírito superior. Não é homem que olha a parte substancial da igreja. Vê o defumador, a hóstia, a expressão do dragão no instante em que é golpeado pelo Capadócio. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma adaptação no ritual excita-o mais que uma infração nos mandamentos. Pedi sua bênção, acendi uma vela, parti.

A desarticulação do sentir, do saber e do fazer é variação da estratégia mais conhecida do Império: *dividir para conquistar*. Quem deseja viver outra vida luta na elaboração e demonstração de si como sujeito legítimo: da experiência, do conhecimento, da ação. O Império aceita um fazer desde que ele não mude a estrutura do conhecimento, aceita um

saber desde que permaneça impotente e *abstraído*, aceita modos outros de sentir e experimentar o mundo desde que epistemologicamente enclausurados. “Em diálogo com inúmeras inscrições de saber e tecnologias ancestrais, venho a defender que a tarefa da descolonização como prática educativa perpassa a remontagem dos seres e de suas relações”, diz Luiz Rufino. Há um trabalho de construção dos seres que já foi longe demais — é uma obra que pode sempre ser reformada e permanecer essencialmente a mesma, aquela que permite falar outras palavras mantendo a mesma ordem do discurso. Não desfalecer “nas areias do texto escrito” é evitar reducionismos e “a experiência monológica e monorracional nutrida pela catequese colonial”. *Há mais no céu e na terra que certas filosofias podem sonhar*. E esse “mais” não é algo que falta ser descoberto no progresso do conhecimento, mas uma pluralidade que não cabe no enquadramento vinculado a esse progresso. Dividir para conquistar também é separar lugares próprios para o saber, para o sentir e para o fazer, de modo que tudo aquilo que escapa do enquadramento se manifesta como *impróprio* — replicamos o convite de Rufino: conhecer e reconhecer o jongo, mas sem o ímpeto de produzir um distanciamento que torne esse sentir / pensar / fazer mero conteúdo a ser conhecido.

Chinelos enlameados das goteiras no 296 Irajá-Castelo, cheiro de criança suada, os moleques na saída da escola. Segui o gradil do cemitério, a pé, preferi não ir de metrô. Preferi pegar ônibus mesmo, sentir a brutalidade da av. Suburbana, a bufada do sol a pino, e chegar inteiro ao cais, na minha melhor forma, conhecer Rafael, ouvir tudo que ele tem pra me dizer. Rafael deve conhecer melhor do que eu o centro da cidade, o monumento do cais. Rafael deve ter um lugar preferido no centro da cidade. O 296 foi pela pista do canto, na madrugada a linha muda, tem pontos novos, vira circular, vai mais longe. O tempo fechou, o ônibus tem vincos entre a lataria e as janelas, os vidros correm a cada freada, o ônibus tropeça e sacoleja. A cobradora e as janelas tropeçam e sacolejam. O camelô sacoleja, sincopadamente, e preenche os espaços vazios deixados. Abri a janela, tapando com as mãos as orelhas, sorri com os caninos de fora, olhos fechados, até a chuva passar, até o ponto final.

Nós que começamos a nos cercar das filosofias que se criam experimentalmente nas brasilidades poderíamos duvidar que outra seção da filosofia tivesse sofrido tanto a subordinação a projetos existenciais do Ocidente quanto as filosofias da educação, que têm as instituições e formas de vida europeias como *espaço* de pensamento. Ronnielle de Azevedo-Lopes nos aponta a colonialidade desse pressuposto: poder visualizar, separadamente, o *espaço escolar* (a escolarização) e a ideia de *educação* é o ponto de partida para apelarmos contra a certeza dos brancos. A escola moderna é a catequese da Razão, máquina de “docilizar os corpos e adequá-los à teleologia do Estado-nação”. A partir dela o sujeito é iniciado nos ritos, no imaginário e na mitologia épica que sustentam a vida orientada pelo Estado-Nação. E a Razão, linguagem monoteísta da mitologia branca, esta cujo discurso jamais se constrangeu em receber o seu título senão de si mesma, empenhou-se incansavelmente em varrer os rastros do barro mitológico que a viu nascer. Ronnielle interroga a escolarização moderna no regime das suas próprias certezas, isto é, na inscrição de certezas encerradas na representação das margens que a própria branquitude escolheu denegar. A transgressão dessas margens e, consequentemente, as dinâmicas de recuo e expansão que interrompem seu caráter total fazem a chamada *transcolonialidade*. A *transcolonialidade* não é sobre substituir os objetos em um cenário: é sobre o cenário também, sobre o pensamento que formula esse cenário, sobre valores que o injetam de normatividade. E também sobre o olhar. Olhar desde uma perspectiva transcolonial é colocar os brancos no lugar do *outro*: eles, que aparecem como estranhos ao mundo dos outros, devem ser *outros do outros*. Já que os empreendimentos filosóficos usuais falharam ao tornar estranhas as certezas sedimentadas sobre as quais erguemos a escola, as filosofias transcoloniais da educação tomam como ponto de partida o dismantelamento do etnocentrismo na educação indígena diferenciada: de modo que, invariavelmente, uma *escola diferenciada* do Povo Akrātikatêjê seja uma não escola.

Batidas na porta da frente, abriu um tipo com cigarro atrás da orelha, encarou-me como um estivador no cais, o amigo passou

pela portaria, subiu a velha escadaria, penetrou no salão e não voltou. Passou um tempo, mandou avisar que o estivador liberasse minha subida. O salão era um bilhar mal iluminado no centro, mesas esparsas, chineses bêbados de ópio, marinheiros embrutecidos pelo jogo, feiticeiras encantando cantigas e toda sorte de vida dos mares. *É fácil sentar aqui e lembrar um amor que perdi, fico calado, ele ri porque sabe passar e eu não sei.* Eu perguntei se por acaso Rafael estava vindo. Ele assobiou pedindo um pires de tremoços, uma garrafa de uísque, uma caracu e três copos. *Quando cheguei isso era tudo mato,* disse apontando com a bengala para a janela, através da qual víamos a praça em toda sua extensão, ao centro o Monumento ao líder da Revolta da Chibata. Nem sombra do Rafael. O homem da bengala com punho de prata e blazer em linho preto s-120 me ofereceu charutos, apresentou-se como um chegado. Comentou que Rafael tinha compromisso marcado com ele, que esperássemos no andar de cima. *Não há nada mais encantador que o princípio de uma rua, uma praça. No início, um terreno largado. No final, a dura da polícia.* Escurecia. Cisquei tremoços, ele bebeu o uísque tremendo na mão. Um cigano de fraque, chapéu mole e olhos verdes pediu permissão e se apresentou à nossa mesa. O homem da bengala assentiu. O cigano abriu a bolsa e começou a desenrolar com cuidado um embrulho de jornal. *Não, Ronnielle! Aqui não, lá atrás, lá atrás!*

Como viemos parar na situação que torna este livro uma *necessidade* para nós? Há muitas histórias para se contar aqui — Rafael Saldanha nos conta a história da vergonha de filosofar que nos é tão *própria*, no sentido de algo que é nosso porque *aprendemos* ser nosso. Quantos de nós não ouvimos que *ainda não era hora*, que era preciso ler antes de falar, que era preciso dominar o cânone, que era impróprio falar com a cabeça levantada? A indústria teórica opera a todo vapor na *infinetização* que produz a distância insuperável entre o nosso amor e o *objeto* desse amor: a própria filosofia. Assim surge o desencontro entre o que as pessoas fazem quando trabalham com filosofia e o que elas identificam como filosofia enquanto algo louvável em toda sua dignidade. Os resultados não poderiam ser mais desastrosos: a colonização do imaginário filosófico se reproduz infinitamente. No divã, a filosofia brasileira precisa lidar ainda com outra vergonha: a de uma herança violenta que não deseja-

mos mais reproduzir. A questão da identidade do filósofo ou da filósofa no Brasil é indissociável da trama colonial que ainda ecoa pelas faculdades de filosofia e informa a própria constituição do *meio* em que trabalhamos e aprendemos a trabalhar — não é uma questão que se resolve trocando a nacionalidade dos sujeitos e o idioma dos discursos. A filosofia experimental brasileira é um ensaio de uma filosofia *por conta* da vergonha, que se apropria do que poderia ser indesejável de maneiras mais saudáveis e interessantes para a vida que já temos e para a que queremos ter.

Os dois desapareceram pela porta da cozinha, sem que ninguém se incomodasse. Comecei a contar com a ideia de que tinha sido presa de algum golpe, peguei e desci. Na portaria, o estivador fumava, ignorou-me. A praça tinha tomado o movimento do rush, as filas para as barcas, trambiqueiros, pregadores do apocalipse e artistas de rua. O monumento estava iluminado, ninguém viria. A noite rasgou o céu como uma porta arrombada no horizonte. Rafael era alguma fantasia, uma máscara de bate-bola largada no pátio, após quatro dias de sol e luxúria. Tomei o caminho da volta, iam-me as pernas levando, trocando em miúdos, mal havia atravessado a rua, interrompeu-me de relance a visão de um homem abanando as mãos, com um lanche, no balcão do Bob's. *Aposto que não me conhece. Não me lembra... Sou Rafael, de Ogum, também de Haddock-Lobo.*

O *cuidado de si* e as imagens de sagrado, desprezados pelo academicismo e entregues ao neopentecostalismo, são reivindicados nos textos de Fábio e Galdino. Sônia Ribeiro e Katiúscia Ribeiro escrevem sob uma lógica aproximada, mas, desta vez, o Mulherismo e a Amefricanidade são as ocasiões. Os bordões “em defesa da família” e “em defesa das crianças” precisam ser ferozmente disputados, e não apenas contra o moralismo dos fanáticos: o falso avesso desse moralismo se contenta com a extração dos valores sobre a infância e a família das psicopedagogias do comportamento e do feminismo do primeiro mundo. Sônia e Katiúscia descrevem como foi possível existir, no sincretismo cultural das próprias nações sequestradas do continente africano, uma reconstituição de laços comunitários que não são outros senão laços entre familiares simbólicos. Elos entre os povos des-terrados serão reinventados a partir de irmandades, con-

frarias e, principalmente, do terreiro. O terreiro engloba um procedimento iniciático próprio, composto por estratégias de aquilombamento: séries de ritos como metáforas daquilo que, em África, indicavam idades da vida; reformulação de uma organização familiar por meio de parentescos simbólicos representados nos *títulos* das pessoas iniciadas (filhos e filhas de santo, pais e mães sacerdotisas); atribuição de um novo nome próprio vinculado à linha genealógica da divindade que rege o destino do novo membro. As irmandades, as confrarias religiosas da Virgem do Rosário ou de São Benedito, exerceram um papel também contundente: permitiram às matriarcas negras “organizarem espaços de rezas coletivas ou novenas e depois irmandades em algumas regiões do país. Esses espaços serviram como base para os lares de menores, asilos e abrigos para negros indigentes, sobretudo após a lei dos sexagenários e a lei do ventre livre”. Por isso a tradição de matriz africana é matrigestora.

Respirei e me sentei. Braços fincados nos joelhos escondiam — quisera eu — a tensão entre os dedos. *Espero que Seu Sete não tenha te botado pra correr, contei a ele que me atrasava, estou com uma gata que acabou de parir. Sobre o que conversaram?* Custou-me responder. Também porque ele teve um acesso de tosse, engasgado, levantei-me para acudir, tirei a tampa do milkshake e lhe dei. *Querido, a velhice é uma coisa ridícula, né?* Parecia ter menos de quarenta, talvez contasse mais. Na camiseta um número mais justa, era vaidoso à sua forma, não a vaidade dos togados, dos comendadores, mas de viúvo antigo. Era risonho, macio. Sua voz, na maioria das vezes, marejava, salvo quando convinha a vida alheia. *Que nosso amigo não nos ouça, mas o Ronnielle, coitado, ele é boêmio e padre, cigano de vez em quando, mas boêmio e padre, e, convenhamos, na maior parte do tempo.* Na maior parte do tempo, escondi minha insegurança de dizer qualquer coisa vulgar, sem contexto. Mas, apesar de tudo, olhávamos um para o outro, falando de tudo e de nada. *Meu querido, deixa logo eu te contar por que chamei você aqui. Duas coisas. A primeira delas, eu estou escrevendo um novo livro. E, nesse livro, eu queria saber se posso contar com você, queria muito que você estivesse com a gente. Seria bonito... Oi? Como você contribuiria?*

| “Quando uma mulher vai ter um filho ou uma filha, antes

mesmo de engravidar, os pais, ou apenas um deles, sonham com o *nhe'ẽ* (ser/espírito) que virá". Para o povo Guarani, "a mulher que é *ipuru'a va'e rã* (futura grávida) tem que se preparar para receber esse *nhe'ẽ*, pois isso implicará, realmente, no futuro do ser-criança, espírito *nhe'ẽ*". Por que o primado da maternidade no texto de Sandra Benites? O nascimento de uma criança na aldeia é um ponto fértil para apreender a filosofia Guarani como forma de vida: o próprio *mundo* Guarani é mobilizado coletivamente na preparação para *nhe'ẽ* que virá. Essa mobilização indica o que a criança vai ter que eventualmente aprender: é um círculo onde o nascimento é um encontro condensado do que depois se irradia. A comunidade nasce, cresce e nasce novamente. Há uma "mistura" indistinguível entre maternidade, filosofia como forma de vida e conhecimento ancestral das mulheres. Assim, a única maneira de falar de algo equivalente ao que chamamos "filosofia" é falar de uma relação com o saber que é mobilizado em cada maternidade: o amor ao saber que é indistinguível de sua própria mobilização, de seu próprio movimento. Atravessar as várias etapas da vida de acordo com o *teko* Guarani é a boa condução da vida com a qual os filósofos pós-socráticos puderam apenas sonhar em Atenas. A ética Guarani é saber e amor ao saber, movimento sem fim de uma caminhada que se inicia continuamente por amor. A comunidade luta para replicar-se indefinidamente. E as diferenças no destino, caso ocorram — em decorrência da invasão do colonizador, do extermínio imperialista que se atualiza — são como mutações de um micro-organismo. Ocorrem por equívoco, não como "retrocesso", não como revolução. Tudo está onde deveria estar: nós ocidentais não saberíamos viver nesse mundo. Marx dizia que a humanidade só se coloca os problemas que pode resolver, e Sandra não nos coloca problemas de *nosso* mundo. O título "para o professor de filosofia" é a posição marcada pela não anistia ao realismo progressista, este que denominou "questão indígena" a expropriação da floresta. É tomar literalmente Darcy Ribeiro quando diz que não há questão indígena: há propriamente uma *questão não indígena*.

Imagina se esse povo europeu tivesse que pensar aqui nessa bagunça. Pensar com raiz é mole, quero ver pensar sem saber de

onde você veio, sem nunca ter conhecido seu pai, sem árvore genealógica com nomezinho tudo bonitinho. O Derrida, coitado, era lá daquele povo do Magrebe, né? É como a gente aqui, tendo que fazer gambiarra toda hora, uma loucura. E vamos combinar, que gente chata, também, parece até que a gente tem alguma obrigação com europeu. Eu quero é saber de festa, gira pra Exu, muito melhor, num é? Eu não aguento, não, gosto de tirar o sapato, pisar com os pés descalços, fazer filosofia com os pés. Não tem filosofia com martelo?, então — vamos fazer filosofia com os pés, garrinchicamente. Ah, que coisa. Eu também tô velho pra ficar me reprimindo, não quero saber de filosofia triste, não. Filosofia triste vá fazer lá naquela sala lá, você sabe qual. Eu gosto de ter minha sala que aí pode bater tambor, pode pegar a filosofia e, outra coisa... Onde eu estava? O Bob's tinha esvaziado, não tinha comido nada. Pede o que você quiser, eu só quero um sorvete. A conversa abria batendo janelas, eu apanhava algum retalho de ideia, ele puxava fios para cortar em outra situação aleatória. Quando recuperava algo perdido, não era para deixar uma conclusão arquivada, mas para fazer piada, destituir qualquer resquício de pureza. Quando terminei de comer, bocejei, ele disse que também estava ficando com sono e ainda tinha que cuidar dos gatos. Pedi desculpas, mas não permitiu que eu me constrangesse. Meu querido, eu quero sua ajuda para apresentar esse livro. Posso contar contigo? Eu acho que você pode me ajudar nesse sentido. Aqui, olha, tá chegando minha carona, foi muito bom te ver tá meu querido. Aparece lá depois sim, tá? Vai ter comida até dizer chega. Um beijo! Oi? Onde você vai entrar no livro? Falei que ficaria mais um pouquinho para esperar o trânsito, perguntei qual era o outro assunto que queria falar. Ele me deu o telefone do apartamento, pediu que eu me identificasse. Atendo poucos amigos nessa linha. Era para eu ligar caso acontecesse um sonho, apenas. Deu-me uma fita verde de cetim, para colocar dentro da fronha. Você vai ver, ajuda contra insônia. Quando perguntei qual tipo de trabalho eu fazia, respondeu que não ia ter trabalho nenhum, no máximo eu teria que encontrar algumas pessoas. Quando terminar o livro, a gente ainda vai sentar e rir muito de tudo isso.

Victor Galdino e Claudio Medeiros
julho de 2020